

**Da prática para o ensino e deste para a pesquisa. Ou não?  
Sobre heranças, desafios e perspectivas da tradução alemão/português no Brasil<sup>1</sup>.**

João AZENHA JUNIOR<sup>2</sup>

**RESUMO:**

Neste estudo, dividido em três partes, procuro, num primeiro momento, lançar um olhar retrospectivo sobre os caminhos da tradução alemão/português no Brasil. Essa mirada me ajuda a localizar e a sequenciar os domínios da prática, do ensino e da pesquisa, nessa ordem: de uma prática intermitente, desenvolvida desde meados do séc. XIX, aproximadamente, até sua sistematização parcial numa praxiologia por volta da década de 1970; desta para a demanda (e a resposta a ela) na constituição quase concomitante de cursos voltados à formação de tradutores; e desse momento de institucionalização do ensino para os primeiros contornos de uma pesquisa brasileira em tradução. Na costura dessas etapas, enxergo o evoluir das relações entre as habilidades linguísticas e as tradutórias, de um lado, mas também as transformações do conceito de traduzir, de outro, resultante das interações com áreas afins, em especial com os estudos linguísticos, literários, culturais e com a pesquisa sobre linguagens de especialidade. Num segundo momento, mais sincrônico, reconheço e saúdo a diversidade de abordagens sobre a questão da tradução nos diferentes níveis de formação e domínios de atuação, mas questiono tanto a desproporção de importância atribuída a cada domínio, quanto a posição, a meu ver secundária, da importância reservada aos conhecimentos das línguas envolvidas (o alemão e o português) e o processo de submissão aos ditames de um mercado e aos entraves de uma política educacional que privilegia a produtividade, muitas vezes à custa da qualidade da formação. Por fim, ensaio alguns prognósticos sobre áreas de formação e de pesquisa auspiciosas e, mesmo reconhecendo a autonomia dos domínios aqui abordados, pleiteio a exploração de interfaces entre eles e o reconhecimento (e a aceitação) de características locais como o único caminho viável para a consolidação de um campo disciplinar que, ao mesmo tempo, reflita um Brasil plural e responda, nem sempre em concordância, aos desafios de um mundo cada vez mais globalizado.

**PALAVRAS-CHAVE:** formação de tradutores, interação teoria e prática de tradução.

**ABSTRACT:**

In this study, divided into three parts, I begin by looking back at the paths of German/Portuguese translation in Brazil. This helps me locate and order the fields of practice, training and research as follows: initially an intermittent practice, developed from the middle of the 19th century until its partial systematization in a praxiology around the 1970s; from this the need (and the response) in the almost simultaneous creation of courses aimed at the training of translators; and from this institutionalization of training to the first outlines of a Brazilian research in translation. In linking of these steps, I see both the evolution of the relationship between language and translational skills and the

---

<sup>1</sup> Este texto, com algumas alterações, foi apresentado como conferência plenária no I Congresso da Associação Brasileira de Estudos Germanísticos (ABEG) em 9 de novembro de 2015.

<sup>2</sup> Professor Titular da Universidade de São Paulo. Email: azenha@usp.br

transformation of the concept of translation, resulting from interactions with related fields, particularly linguistics, literary studies, cultural studies and research on specialized languages. Secondly, and in a more synchronous vein, I recognize and welcome the diversity of approaches to the issue of translation at the different levels of training and professional areas, but question both the disproportionate importance given in each area, in terms of the position, in my opinion secondary, of the knowledge of languages involved (here German and Portuguese), and the process of submission to the dictates of a market and the obstacles of an educational policy that favours productivity, often at the expense of the quality of training. Finally, I make some predictions on the promising areas of training and research and, while recognizing the autonomy of the areas covered in this study, postulate the exploration of interfaces between them and the recognition (and acceptance) of local features as the only viable way towards the consolidation of a disciplinary field which both reflects a pluralistic Brazil and responds, not always in agreement, to the challenges of an increasingly globalized world.

**KEYWORDS:** translator's training, interaction between translation theory and practice.

## **Três cenas para um tradutor coadjuvante**

### **Cena 1**

Leio a minha opção para a tradução de um segmento de texto em alemão. A Professora ajeita a mecha de cabelo louro sobre a testa e diz: - Não, não. Não está certo. Em alemão, essa palavra significa o seguinte ... E discorre longamente sobre várias acepções daquela palavra e suas redes associativas. Fico pensando no dia em que, como brasileiro, vou saber o que as palavras significam no alemão para um alemão. (São Paulo, 1981, Curso de Especialização em Tradução da Universidade de São Paulo).

### **Cena 2**

Apresento na aula uma tradução em português para uma frase extraída de *Mary Stuart*, de Schiller. Leio, todo orgulhoso: - Deus a conserve! A mesma Professora da cena anterior comenta: - Deus a conserve em quê? Em azeite? Fico embaraçado com o comentário. Achei que dessa vez eu tinha acertado. Mas não. (São Paulo, 1982, o mesmo Curso de Especialização em Tradução da Universidade de São Paulo).

### **Cena 3**

Na conferência de abertura de um Congresso realizado numa escola de tradutores, o convidado de honra é o Professor Eugene Nida. Ele afirma logo no início de sua fala que tradução não se ensina. Que o que se ensina é língua. Dois terços dos ouvintes se levantam

e vão embora. Ele aguarda com paciência e depois retoma: - Tradução não se ensina, o que se ensina é língua. (Ghent, Bélgica, 2006).

A protagonista das cenas 1 e 2 era a minha saudosa professora Marion Fleischer, Docente da Área de Alemão da USP e exímia tradutora para esse par de línguas. Na cena 3, o protagonista era o Professor Eugene Nida. O coadjuvante das três cenas, claro, era eu. Em Ghent, fui um dos poucos que não deixou o recinto. O aluno das cenas 1 e 2, quase três décadas depois, quis entender o que o Professor Nida, àquela altura com mais de 90 anos, queria realmente dizer quando continuava reafirmando o que sempre havia dito. Afinal, ele certamente devia saber que habilidade linguística não se confunde com habilidade tradutória. Mas a primeira é pressuposto da segunda. Um pressuposto, talvez, sombreado atualmente e que tenha de ser trazido de novo à cena? O Professor Nida não iria confundir as coisas. Não ele. E porque será que essa relação entre conhecimento de língua e prática de tradução sempre me preocupou e fascina?

### **A mirada retrospectiva sobre o geral e o específico**

Sempre achei que os domínios da prática, do ensino e da pesquisa em tradução tinham de estar associados. Olhando para trás, mas não tão longe a ponto de voltar às origens dos primeiros contatos entre brasileiros índios e colonizadores estrangeiros, enxergo uma prática intermitente de tradução que, registrada mais sistematicamente no meio escrito a partir da chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil em 1808 e do estabelecimento da Imprensa Régia, aos poucos foi se consolidando ao longo do séc. XIX. Competindo com a circulação clandestina de livros contrabandeados, mas também impulsionada por sucessivas ondas de imigração (alemães, italianos, japoneses, russos, libaneses, poloneses, suíços, sírios etc.), essa prática de tradução tece interfaces, constrói e reconstrói imagens do Próprio e do Alheio, miscigenando, assim, experiências mediadas por tradutores, escritores, políticos e homens das letras, tudo isso como instrumento de construção de uma identidade, com reflexos, inclusive, para a política.

A esse respeito, João Alexandre Barbosa (1990) chama a atenção para

o importante movimento tradutório no século XIX brasileiro, não só de obras literárias, mas de obras de ciências, que importaram na formação, por exemplo, das fundamentais escolas politécnicas deste país. As escolas

politécnicas neste país foram responsáveis pelos movimentos culturais os mais importantes. Quando digo culturais, eu digo no sentido mais amplo, no sentido de sociais, políticos. Foram responsáveis, por exemplo, pela República neste país, por todo o movimento republicano. (p. 21)

O comentário do Prof. João Alexandre Barbosa está inserido nos Anais do IV Encontro Nacional de Tradutores, realizado em São Paulo em 1990. O encontro, que reuniu cerca de 1200 pessoas (um público nada desprezível para um evento realizado na Área de Letras 25 anos atrás), parece-me um bom ponto de partida para se avaliarem as décadas anteriores, no que respeita a linhas evolutivas associadas aos domínios da prática, da formação de tradutores e da pesquisa em tradução.

Nesse sentido, o domínio da prática de tradução é o que surge como o fundamento sobre o qual se construíram, depois, os demais domínios de que me ocupo aqui: a formação de tradutores voltada ao mercado de trabalho e o da pesquisa em tradução, este último de ancoragem institucional bem mais recente.

Esse momento anterior, fundador, resultado de uma prática iniciada no início do séc. XIX tem seus contornos sistematizados numa praxiologia, quer dizer, em obras nas quais tradutores refletem sobre suas práticas (a tradução como ofício), bem como buscam articular suas reflexões com pesquisas desenvolvidas até então, no Brasil e no exterior, no campo dos estudos linguísticos de base contrastiva e de literatura comparada (a tradução como arte). Paródico, aqui, o título do livro do Professor Erwin Rosenthal – *Tradução: ofício e arte* –, de 1976, para ilustrar o modo como se configurava o intercâmbio entre os domínios da prática e da reflexão.

Essa reflexão sobre a prática é concretizada em publicações de tradutores surgidas entre as décadas de 1950 e 1970. Nela se destacam, apenas para citar alguns exemplos, Paulo Rónai com a *Escola de Tradutores* (1952), *Homens contra Babel* (1964), *A tradução vivida* (1976), e *Guia Prático da Tradução Francesa* (1967); Brenno Silveira com *A arte de traduzir* (1954), o já mencionado Erwin Theodor Rosenthal com *Tradução: ofício e arte* (1976), e também Geir Campos, com *Como fazer tradução* (1986).

Traçar um panorama definido da presença de autores e obras alemãs por todo esse período que vem do início do séc. XIX não é tarefa fácil. A historiografia da tradução, em especial de obras de expressão alemã traduzidas no Brasil, tem aí um campo auspicioso de estudo, do qual já dispomos de alguns resultados importantes como os estudos sobre a atuação de Dom Pedro II como tradutor, bem como sobre o projeto de assimilação de

narrativas estrangeiras por Monteiro Lobato nas décadas de 1930 e 1940, só para citar dois exemplos<sup>3</sup>.

Contudo, somente para ilustrar parte dessa produção, Geir Campos organiza, ao longo da década de 1950, uma Antologia intitulada *Poesia Alemã traduzida no Brasil*<sup>4</sup>, que inclui 117 poemas e 21 fragmentos de diferentes extensões, escritos por cerca de 52 autores de fins do séc. XV até meados do séc. XX. E como tudo em tradução está vinculado a um tempo e um espaço, também essa antologia, que tomo aqui apenas como um exemplo da construção de interfaces entre o Próprio e o Alheio, surge não apenas como síntese de uma longa e intermitente tradição, mas também “impulsionada por um período de retomada, expansão e aprofundamento das relações teuto-brasileiras, depois de a língua alemã e a importação de livros alemães terem sido proibidas no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial (AZENHA, 2011, p. 75).”

Paralelamente, vão se somando a essas iniciativas textos críticos e traduções escritos por jornalistas e tradutores alemães emigrados e exilados no Brasil. Lembro-me, aqui, das figuras de Anatol Rosenfeld (1912-1973), teórico da literatura e do teatro que escreveu sobre Schopenhauer, Goethe, Schiller, Brecht, Thomas Mann, Hermann Hesse, Max Brod, Stefan Zweig, Döblin, além de poetas como Hölderlin, Heine, Trakl, Gertrud Kolmar, Else Laske-Schüler, entre outros.

Outros nomes a serem lembrados nesse contexto são os de Otto Maria Carpeaux (1900-1978), teórico da literatura e da música, que possui ensaios, biografias e obras de referência publicadas no Brasil entre 1942 e 1971, e o de Herbert Caro (1906-1991), tradutor de Thomas Mann, Elias Canetti, Hermann Broch, Hermann Hesse, Johann Joachin Winckelmann, entre outros.

Ao mesmo tempo, esta também é a época das traduções indiretas, de que a *Metamorfose* de Kafka é exemplo eloquente, conforme nos demonstrou Cruz (2007): são movimentos de acomodação no sistema literário brasileiro de obras traduzidas do alemão, mas também de outras línguas, num processo de luta constante por um posicionamento central em nosso sistema literário. Desse embate resulta um diálogo, como dissemos, construtor de uma identidade, cujo traço fundamental talvez seja mesmo o da miscigenação.

---

<sup>3</sup> Estudos mais aprofundados sobre a contribuição de outros imigrantes alemães que atuaram como autores e tradutores têm sido realizados, entre outros, também pelos pesquisadores do projeto RELLIBRA (Relações Literárias Brasil – Alemanha).

<sup>4</sup> Sobre essa antologia, confira AZENHA (2011).

Mas é das reflexões sistematizadas pelos tradutores a partir de suas práticas tanto junto a editoras com obras literárias, quanto no mercado de tradução com textos técnicos, científicos e comerciais, que nasce a demanda, ao longo da década de 1970, por cursos voltados especificamente à formação de tradutores. Tal demanda, a meu ver, surge não apenas da necessidade de se dotar o mercado de tradução, editorial ou não, de profissionais competentes, mas também em decorrência do contato com o domínio da pesquisa.

Um olhar mais atento revela que, na reflexão sobre a tradução de literatura, os livros de Erwin Rosenthal, Paulo Rónai, Brenno Silveira e Geir Campos, já citados, sintetizam a recepção, no Brasil, de teorias sobre a tradução associadas aos domínios da linguística contrastiva, de um lado, e da literatura e estilística comparadas, de outro. Quanto ao domínio da prática mercadológica para outras tipologias de texto, surgem concomitantemente livros e traduções que têm por foco a tradução científica e técnica. Destes últimos podemos destacar *A tradução científica e técnica*, de Jean Maillot, traduzida por Paulo Rónai em 1975 e *A tradução técnica e seus problemas*, organizado por Waldívia Portinho em 1984.

Para todos os autores das obras sobre tradução publicadas nesse período, em todos os casos e para todos os tipos de tradução, o fundamento sobre o qual se deve construir a formação específica para tradutores são os conhecimentos da língua estrangeira. Em *A tradução vivida* (1976), Rónai fala dos requisitos do “tradutor ideal”: conhecimento da língua-alvo e da língua-fonte, bom senso, cultura geral, capacidade de documentação. Em *Como fazer tradução*, Geir Campos comenta:

Os grandes mestres da arte ou técnica de traduzir costumam recomendar que os tradutores conheçam e dominem, igualmente bem, tanto a língua do original, quanto a língua da tradução; e que, em caso desse conhecimento e domínio ser mais perfeito em uma das duas, que o seja na língua para a qual é feita a tradução, que em geral é a língua materna (CAMPOS, 1986, p. 48)

Assim, a demanda que emerge dessas obras no sentido de uma formação específica para tradutores tem no domínio das línguas estrangeira e vernácula o seu epicentro, ainda que a esse domínio se somem características tais como bom senso, cultura geral, capacidade de documentação (RÓNAI, 1981 [1976], p.16), entre outras. Esta é a síntese da exigência básica, para a qual não faltam adjetivos como domínio perfeito, tradutor ideal etc.

Parece-me, contudo, que outro impulso vem se somar a esse e não apenas promove, como também altera o perfil dessa demanda por uma formação específica. Trata-se dos

primeiros movimentos de recepção da vertente funcionalista dos Estudos da Tradução, desenvolvida em Heidelberg desde fins dos anos de 1970.

A obra do Professor Delton de Mattos, que atuou como docente em Heidelberg e trabalhou por algum tempo na Universidade de São Paulo (USP) antes de se transferir para a Universidade de Brasília (UnB), dão início ao processo de recepção da teoria funcionalista alemã, trazida por ele já em *Estudos de Tradutologia*, de 1981, com duas contribuições de Katharina Reiss publicadas em espanhol. Três anos depois, em 1984, Reiss publica na Alemanha, juntamente com Hans Vermeer, a obra fundadora do Funcionalismo Alemão – *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie* – que, dois anos depois, em 1986, recebe uma versão reduzida em português, um *Esboço*, publicada em Lisboa por Vermeer.

Quatro anos depois disso, o Professor Vermeer participa, em São Paulo, do já mencionado IV Encontro Nacional de Tradutores. A atuação de Vermeer, que traz consigo de Heidelberg suas duas principais assistentes, Margret Amman e Jazely Nunes, está atestada nos Anais do Encontro em várias intervenções, nas quais o Professor tem oportunidade de colocar em discussão suas ideias. São ideias que, como sabemos, concebem a tradução como ação, como intervenção, e deslocam a ênfase da competência tradutória da exclusividade do domínio das línguas envolvidas para todo um processo comunicativo norteado pela função do texto traduzido na cultura de recepção.

Essas ideias, sintetizadas no chamado “agir translatório” (VERMEER, 1990, p. 48) dialogam, então, no congresso de 1990, com a visão de docentes que já tem acumulada uma experiência de cerca de uma década em cursos de formação de tradutores<sup>5</sup> e esse diálogo tem por mira definir a especificidade de formação para tradutores, para além do domínio de línguas estrangeiras. No evento de 1990, porém, esse intercâmbio de ideias não ocorre apenas entre docentes, mas também com profissionais de todas as áreas de atuação dos tradutores – editores, agências, empresas –, bem como com representantes de entidades de classes como a ABRATES (Associação Brasileira de Tradutores), fundada em 1974 no Rio de Janeiro (PORTINHO, 1990, p. 141), e ao SINTRA (Sindicato Nacional de Tradutores), fundado em 1988 (*id ibidem*).

À guisa de exemplo, é interessante observar como o Professor Erwin Rosenthal, presente ao mesmo Congresso, já incorpora às suas considerações conceitos do

---

<sup>5</sup> Os primeiros cursos de formação de tradutores surgiram no Brasil ao longo da década de 1970. A esse respeito confira AZENHA 2006, entre outros.

Funcionalismo, há tão pouco tempo divulgados no Brasil. Em sua palestra intitulada “A alteridade na tradução literária”, Rosenthal, ao referir-se ao conceito de texto original, observa: “Hoje, entretanto, falamos de ‘translatos’, que são simplesmente considerados uma ‘oferta de informações sobre um texto-partida no texto-meta’ (Vermeer)” (Rosenthal 1990: 174). Ainda que se possa perceber aqui um laivo de ironia para quem, certamente, não deveria ser fácil chamar de “suporte de informação” (*Botschaftsträger*) um texto de Goethe, ou Heine, ou Schiller, certo é que o contínuo construído no Brasil até então para a reflexão sobre tradução, de natureza mais retrospectiva (voltada para o texto de partida) e contrastiva (o espelhamento entre original e tradução) via-se agora confrontado com uma vertente teórica essencialmente prospectiva (voltada para o texto de chegada) e que apostava suas fichas num perfil de tradutor entendido como especialista em retextualização.

As discussões teóricas que se desenhavam, então, entre as heranças de uma praxiologia e as novidades de uma proposta de formação de tradutores acabam tendo influências sobre os cursos de formação de tradutores, não só no sentido de reformatar conteúdos e procedimentos didáticos da aula de tradução, como também sugerindo uma interação constante entre teoria e prática do traduzir, este último entendido não apenas na sua relação com a literatura, como tradicionalmente, mas também em suas múltiplas faces: como espaço de intervenção, enfim, numa realidade social e cultural, para o que seria necessário formar um profissional competente, do ponto de vista do domínio de complexos linguísticos e culturais, mas também ciente de seu papel social e do tipo de discurso exigido para se desempenhar esse papel.

Parece-me, então, que na década que fecha o séc. XX, a universidade é o espaço de diálogo entre os domínios da prática, da pesquisa e do ensino de tradução, que interagem de forma produtiva: o impulso que vem da teoria altera a realidade do ensino e a aproxima das exigências de profissionais, presidentes de associações, sindicalistas, editores e empresários, cada uma dessas categorias representada, como dissemos, no congresso de 1990.

Assim, se quiséssemos rastrear as linhas mestras de nossas heranças, agora no que respeita à relação entre o Próprio e o Alheio, quer dizer, na busca de uma identidade construída a partir da tradução, talvez pudéssemos dizer que:

(1) dos primórdios até a Independência (1822), o que temos é uma história de relações de poder assimétricas – do ponto de vista da força, mas também da visão de

mundo e da fé. O convívio de longa data com o Estranho (*das Fremde*), seja ele imposto, seja no intercâmbio com as ondas de imigrantes desde fins do séc. XIX, define a tradução como necessidade de integração, forçada ou não; uma tentativa de convívio, o resultado disso sendo a miscigenação;

(2) a constituição de uma fina teia de relações que, no domínio da tradução, vão desenhando os contornos de um campo disciplinar brasileiro que, como vimos, vai da prática para a demanda do ensino, deste – entendido como formação de profissionais – para a articulação com o mercado de trabalho e a intervenção social; e

(3) uma reflexão que se constrói com os primeiros momentos de uma recepção de teorias específicas da tradução (como o caso do Funcionalismo alemão), que passam a dialogar com as heranças de áreas afins que até então marcavam os contornos da pesquisa em tradução: a linguística contrastiva, a literatura comparada, a estética da recepção, a teoria da comunicação e a Pragmática, entre outras vertentes.

### **A caminho de rupturas: a desproporção entre os domínios**

Na costura dessas etapas que acabamos de mencionar, podemos acompanhar o evoluir das relações entre as habilidades linguísticas e as tradutórias, mas também as transformações do conceito de traduzir, resultantes das interações com áreas afins, em especial com os estudos linguísticos, literários, culturais e com a pesquisa sobre linguagens de especialidade.

Também a partir dessa linha evolutiva, brevemente desenhada aqui, percebo um desdobramento do domínio do ensino que, aos poucos, vai se deslocando da formação de tradutores propriamente dita para a formação de pesquisadores em tradução realizada no nível da pós-graduação. E se isso tem implicações positivas e importantes para a visibilidade do campo disciplinar, por outro o recuo paulatino na formação de tradutores voltada ao mercado de trabalho vai esmorecendo os vínculos entre os demais domínios, tão bem integrados no congresso de 1990.

De meados da década de 1980 até o fim do século XX aproximadamente a sedimentação e os avanços das discussões teóricas sobre tradução se organiza entre nós basicamente em torno de duas visões consideradas antagônicas: os chamados essencialistas ou logocêntricos, de um lado, e os pós-modernos e desconstrutivistas, de outro. A base dessa cisão está no modo como cada uma considera a produção de sentido em linguagem e

em tradução e a disputa entre essas duas posições dominou por bom tempo a cena dos Estudos da Tradução no Brasil, para o que contribuiu enormemente, além da excelência dos trabalhos realizados, também o caráter e a personalidade fortes e decididos de seus protagonistas.

Quanto à primeira vertente, associada à prática de traduzir e de ensinar tradução (uma retomada natural, digamos, da herança brasileira até então), dela se deriva uma vertente dos Estudos de Tradução de orientação linguística e estilística dos anos de 1980, no interior da qual também se desenvolvem trabalhos de base funcional e cultural nos anos de 1980 e 1990. Essa vertente brasileira, que acompanha de perto as mudanças de paradigmas dos Estudos Linguísticos e as evoluções dos Estudos Culturais, parece mais preocupada com os avanços institucionais “domésticos” da tradução, se podemos dizer assim: sua aplicação nos cursos de formação de tradutores, seus reflexos na preparação de tradutores para o mercado de trabalho. Por conseguinte, ela ganha pouca transparência no exterior como tendência dos Estudos da Tradução no Brasil (essa vertente não está presente, por exemplo, em Wyler e Barbosa 2001, Milton 1998, Snell-Hornby 2006 e Wolf 1997). A essa vertente somam-se posteriormente desdobramentos resultantes de um diálogo mais intenso com vertentes desenvolvidas mundialmente (a historiografia da tradução, as relações entre tradução e cognição, os avanços das pesquisas sobre as linguagens de especialidade etc.). E esse panorama um pouco mais diversificado da reflexão brasileira sobre tradução pode ser encontrado em Milton 1993, em Krieger 1996 e em Lages e Lombardi 1995.

Quanto à segunda, esta se caracteriza, a meu ver, de um lado pelo conceito de “canibalismo” presente nos Estudos de Tradução de natureza pós-colonialista e, de outro, pelos Estudos da Tradução de orientação desconstrutivista e psicanalítica. Diferentemente da primeira vertente, esta não tem sua origem na prática de tradução, mas sim nos estudos de literatura comparada e nas complexas relações entre literatura, filosofia e psicanálise. Dela resultaram pesquisas importantíssimas que garantiram a elas e aos nomes dos pesquisadores a ela reacionados ampla visibilidade como representante brasileira, no exterior, dos Estudos da Tradução, conforme atestamos em Wolf 1997. Apesar disso, como vimos acima, outras pesquisas de e sobre tradução, realizadas a partir de matrizes teóricas diferentes, continuaram a ser desenvolvidas no Brasil, de modo que, em síntese, a produção intelectual brasileira se manteve diversificada, embora a desproporção da visibilidade internacional reservada a essas tendências possa ter sido prejudicada pelo fato

de todas essas vertentes terem sido desenvolvidas no interior de programas de pós-graduação não específicos para a tradução.

Com o surgimento de cursos de pós-graduação específicos para a tradução, as diferentes vertentes de pesquisa em curso há longo tempo se consolidaram, enquanto novos horizontes de investigação se abriram para a Área e todo o cenário dos Estudos da Tradução no Brasil se reorganizou.

Um breve exame das áreas de concentração e das linhas de pesquisa desses programas dá conta de que a historiografia da tradução adquire papel de destaque nos Estudos da Tradução no Brasil atualmente. Nesse sentido, confirmando o que havia sido dito no início, o material de pesquisa envolvendo a tradução de obras (literárias ou não) de expressão alemã é um campo de estudo auspicioso. Muito há ainda a ser pesquisado sobre o trabalho de figuras e a influência de obras exponenciais sobre a recepção de correntes teóricas as mais diversas, que vão desde a teoria da literatura (retomada da herança anterior ao séc. XX), até chegar a todas as áreas das ciências humanas e também às linguagens de especialidade.

Outros campos que ganham destaque estão no domínio dos Estudos da Tradução associado ao uso de corpora e aos instrumentos da Linguística de Corpus, bem como aqueles relacionados a todos os processos e técnicas do traduzir associadas ao uso ou ao suporte de *softwares*, à interação com novas tecnologias: legendagem, audiodescrição, localização de *softwares*, tradução de *games*, entre outros. Em todos esses casos, e em outros não mencionados aqui, a pesquisa em pós-graduação poderia colaborar para reconstruir os elos com o mercado de trabalho, já que os materiais produzidos e serviços prestados como resultados dessas pesquisas são de rápida absorção: por exemplo, glossários bi e multilíngues, bases de dados, a organização e a padronização terminológica de uma área específica, entre outras aplicações. Aqui, porém, a presença do alemão, salvo engano, me parece ser ainda discreta: há uma clara predominância, no Brasil e no exterior, de pesquisas que envolvem o inglês. Além disso, parece haver certa reticência dos programas de pós-graduação com relação a parcerias com o meio empresarial, uma atitude provavelmente associada a critérios de autonomia de pesquisa em relação às demandas do mercado, ou então à crença de que o formato de um mestrado profissional ou de um máster provavelmente se adequasse com mais conforto à construção dessa interface.

Também no sentido de se reconstruírem os elos entre pesquisa e aplicação, os estudos da interpretação, embora muito incentivados em outros países, ainda tem longo

caminho a percorrer no Brasil, principalmente no que respeita ao alemão. Depois da tentativa de formar multiplicadores nesse âmbito, através de um projeto encampado pelo Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 1991, mas que, infelizmente, não surtiu os efeitos desejados, outras tentativas também não lograram êxito. E, resguardadas as honrosas exceções, parece que a formação do intérprete em alemão continua a trilhar, no Brasil, o caminho do autodidatismo.

Ainda no domínio da interpretação, embora com características específicas, não poderíamos deixar de falar no espantoso e bem-vindo avanço da pesquisa e da prática das linguagens de sinais, cuja marca da inclusão social representa um dos avanços recentes mais concretos e significativos da tradução no domínio social entre nós.

Caberia aqui, quem sabe, uma reflexão sobre as políticas que têm orientado, nos últimos tempos, a criação e a reconfiguração de cursos de pós-graduação no Brasil. Com uma tendência de apoio a programas de grande porte, a presença do alemão e de outras línguas (como, por exemplo, as línguas do chamado Leste europeu) tem recebido pouco incentivo, não são suficientemente fortes para vencerem a concorrência de línguas, cuja presença é preponderante entre nós, ou então não dispõem de professores qualificados para a orientação. Tudo isso me parece resultado da ausência de uma política de línguas para o país e de incentivo à tradução, com consequências indesejáveis tanto para a recepção de obras estrangeiras, literárias e de cunho teórico, quanto para a conquista de mercados aos quais direcionar a produção brasileira. No caso específico do alemão, a ausência de uma atuação política sistemática para o incentivo e para a tradução tem sido discretamente compensada por parcerias tradicionais com instituições como o Instituto Goethe e centros de tradução na Alemanha e na Suíça.

Mesmo assim, penso que o tipo de trabalho acadêmico “tradução comentada” continua a ser muito bem-vindo para o alemão, seja para a retradução de clássicos da literatura e das ciências humanas, seja para a literatura contemporânea de expressão alemã. Com a redução dos tempos de mestrado e de doutorado – outra exigência de uma política de padronização adotada pelas agências de fomento –, os trabalhos que envolvem tradução comentada têm se limitado, em geral, a apresentarem um projeto, uma proposta para a tradução de uma obra, exemplificada seja num número reduzido de narrativas extraídas de uma coletânea, seja em fragmentos de obras de maior porte, como o romance. Inserem-se nesse contexto, também, a tradução de compilações de cartas, diários, discursos, textos

críticos, fragmentos de reflexão de autores literários, artistas plásticos, músicos. Um gênero bastante praticado por eruditos de expressão alemã e que, em muitos casos, podem lançar nova luz sobre pesquisas realizadas do ponto de vista exclusivo da análise de obras.

Mas é exatamente aqui que se revelam os problemas que colocam o domínio da língua estrangeira no foco da discussão. A ênfase, a meu ver desproporcional, em aspectos teóricos dos Estudos da Tradução – a despeito de toda a visibilidade que esses estudos têm e precisam ganhar entre nós – têm gerado o que considero uma distorção: profissionais formados em teorias da tradução, mas com pouca ou nenhuma prática, com grandes lacunas em sua formação em língua estrangeira (sobretudo, pela minha experiência, no domínio da sintaxe) e sem qualquer preparo para a inserção (social) de seu trabalho no mercado, findo o período da pós-graduação.

Assim, se um campo há a ser incentivado naqueles programas de pós em que o alemão ainda desempenha um papel de importância e de visibilidade, este campo diz respeito, a meu ver, à interface entre o ensino de alemão como língua estrangeira e o ensino de tradução, os dois tendo por alvo aquele alunado que ingressa na graduação com pouco ou nenhum conhecimento de alemão. Temo que, sem um esforço sistemático e articulado entre essas duas vertentes, para muito além das disputas havidas durante todo o período em que esteve em voga o método comunicativo e que a tradução foi banida da sala de aula de alemão, minha avaliação é de que a tradução do alemão não vai conseguir avançar no sentido de formar uma nova geração de orientadores que tenham, na base de sua formação, um conhecimento sólido do par de línguas alemão/português.

Como decorrência disso, é bem possível que tenhamos em breve uma geração de pesquisadores em tradução competentes, no que respeita ao domínio da teoria, mas que, como já ocorre na prática da orientação, apresente dificuldades enormes, seja na mera tradução ao português de citações do alemão a serem inseridas em suas teses e dissertações, seja para assumirem a empreitada de uma tradução comentada de obra literária, tudo isso sem falar nas tentativas, muitas vezes frustradas, de esses pesquisadores se inserirem no mercado de trabalho de tradução (o que pode ocorrer, por exemplo, quando todas as modalidades de bolsas da pós-graduação terminam) ou terem de preparar uma aula em alemão para concorrerem a uma vaga como docentes em IES públicas ou privadas.

O espaço, então, para a formação de tradutores do alemão continua aberto e num compasso de espera por um formato mais adequado do que os cursos de pós-graduação que, aliás, não têm o objetivo precípua de formar tradutores, mas sim pesquisadores que

também vão atuar como multiplicadores, com o risco de se fechar aí um círculo vicioso. Mas quais seriam esses formatos no interior das universidades? Cursos de extensão? Mestrados profissionais à semelhança dos másteres? Ou, quem sabe, um investimento maciço na presença da tradução na graduação em estreita cooperação com o ensino de língua? De minha parte, adoto essa última alternativa como a mais eficaz no sentido de se quebrar um círculo vicioso que, para mim, é claro: o descompasso entre o que se diz sobre tradução e o que se faz quando se traduz. E esse descompasso, a meu ver, reside na concepção ingênua, ilusória, de que há necessariamente um contínuo entre os aspectos da pesquisa e o da prática de tradução. Esse contínuo, quando existe, precisa ter sido construído. E, para isso, não serve a importação de modelos de cursos, mas a baliza de sua inserção regional; sua capacidade, enfim, de formar pessoas que, ao se decidirem pela pesquisa em tradução, já tenham percorrido o caminho de uma formação sólida nas suas línguas de trabalho e, de preferência, tenham trilhado também o caminho da prática, em minha opinião o único a garantir alguma autonomia à pessoa do pesquisador.

### **Na busca de interfaces, o retorno à língua**

As relações entre língua e tradução têm sido, pelo visto, um caso de amor e de ódio. Um terreno movediço, no interior do qual os pesquisadores em tradução geralmente não se sentem à vontade. Afinal, apostar no conhecimento da língua as fichas de um jogo muito mais complicado pode parecer retrocesso a um estágio de reflexão sobre tradução calcado na noção de equivalência, de espelhamento entre original e tradução, esta última entendida quase sempre como espaço de perdas inevitáveis.

Não é desse ângulo negativo e ao mesmo tempo arrogante que eu gostaria de ser entendido aqui na minha defesa da importância de um estudo da língua como fundamento de toda e qualquer atuação em tradução, seja na pesquisa, seja no ensino, seja na prática profissional(izante). Mas como afastar essa sombra, herança de dicotomias milenares e tão presente ainda no senso comum sobre tradução, senão tentando calibrar o que se entende por língua – e, como consequência – o que se ensina dela? Senão pensando em que patamar da concepção de produção de sentido em linguagem a tradução se coloca?

Em *Über das Wort Brot*, de 1959, Hermann Hesse nos ajuda a refletir sobre a língua num sentido em que me apoio para entender mais de perto as três cenas a que me referi no início destas reflexões. Dentro da melhor tradição humboldtiana, Hesse discorre

em seu texto – sem dizê-lo assim, com esses termos técnicos – sobre a importância e os movimentos do léxico, bem como sobre ancoragem, compromisso ideológico, processos de metaforização, redes associativas despertadas por certas palavras, entre tantos outros temas. Aproprio-me, então, do discurso e da perspectiva de Hesse para rever as cenas com as quais iniciei essas reflexões.

Na cena 1 eu errei mesmo. Não consegui entender as relações que construíam o sentido em alemão, não sabia pesquisar, me ative à primeira acepção dicionarizada e “forcei a barra” do jogo da construção de sentido em português, a fim de acomodar um item lexical que não pertencia a ele. Muito menos à sua rede associativa em alemão, da qual eu não tinha a menor ideia.

Na cena 2, errei também. Desta vez do lado do português do Brasil, minha língua materna: quando eu podia imaginar que a professora iria associar com uma lata de sardinhas minha tradução para a saudação de um súdito a uma rainha? Para mim, até ali, os processos de construção de sentido em tradução operavam no interior de uma visão estática de linguagem.

Na cena 3, computada a experiência acumulada no transcorrer do tempo que separa esta cena das outras duas, minha perplexidade com a afirmação do Professor Nida deu lugar à concordância: não aquela concordância que coloca um sinal de igual entre habilidades linguísticas e habilidades tradutórias, mas aquela que consegue enxergar a língua para além de sua superfície, de sua estruturação coesiva; língua como espaço de configuração, num sistema de signos, de atitudes e comportamentos, planos de pensamentos, processos históricos, ângulos e visões de mundo.

Afinal, conhecer e ensinar a língua assim concebida não é senão (re)conhecer-se a si mesmo e ao Outro, é ler e entender o mundo. Tudo o que está na essência da tradução. Assim consideradas, as fronteiras entre tradução e língua se desfazem: a língua, pressuposto do traduzir, a ele se integra e com ele forma uma unidade. E as divisões entre elas não passam de meros construtos a justificarem a pertinência e os traços identitários de campos disciplinares “distintos” – língua e tradução – para fins de uma existência meramente institucional.

## Referências bibliográficas

**ANAIS do IV Encontro Nacional de Tradutores: A tradução: alvos e ferramentas.** Universidade de São Paulo, de 1 a 4 de abril de 1990. São Paulo: FFLCH/DLM/CET, 1990.

AZENHA JR. J. (org.) – **Os caminhos da institucionalização dos Estudos da Tradução no Brasil.** Trabalhos apresentados por membros do GT de Tradução da ANPOLL por ocasião do XXI ENANPOLL, Encontro Nacional da Associação de Pós-Graduação em Letras e Linguística, realizado na PUC-SP em julho de 2006. [Trabalhos publicados no site do GT].

AZENHA JR. J. – Do silêncio à eloquência: uma leitura da “Poesia alemã traduzida no Brasil”. In: **Caderno de Letras (UFRJ)**, vol. 27, p. 73-84, 2011.

AZENHA JUNIOR, J. 1985-2015: a recepção do Funcionalismo alemão e a consolidação da tradução na Área de Alemão da USP. In: UPHOFF *et alii* (orgs.). **75 anos de alemão na USP: reflexões sobre uma germanística brasileira.** São Paulo: Humanitas, 2015, v. 1, p. 149-177.

AZENHA JUNIOR, J. O Curso de Especialização em Tradução da USP (1978-2006): histórico e desdobramentos. In: UPHOFF *et alii* (orgs.). **75 anos de alemão na USP: reflexões sobre uma germanística brasileira.** São Paulo: Humanitas, 2015, v. 1, p. 35-45.

BARBOSA, J. A. Tradução e cultura no Brasil. In: **ANAIS Do IV encontro nacional de Tradutores: A tradução: alvos e ferramentas.** Universidade de São Paulo, de 1 a 4 de abril de 1990. São Paulo: FFLCH/DLM/CET, 1990, p. 21.

CAMPOS, G. **Como fazer tradução.** Petrópolis (RJ), Vozes, 1986.

CAMPOS, G. (org.) **Poesia alemã traduzida no Brasil.** Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do MEC (Ministério da Educação e Cultura), 1960. Reedição: Livro de Ouro da Poesia Alemã. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

CRUZ, C. **Metamorfoses de Kafka.** São Paulo: AnnaBlume/FAPESP, 2007.

HESSE, H. Schriften zur Literatur. In: **Schweizer Monatshefte: Zeitschrift für Politik, Wirtschaft, Kultur.** Band 39, Heft 4, (1959-1960), p. 314-316.

KRIEGER, M. G. (org.) – **META. Journal des traducteurs. Translators' Journal. Numéro Spécial: Traduction et Terminologie au Brésil. Translation and Terminology in Brasil.** Vol. 41, no. 2. Montreal: Les Presses de l'Université, 1996.

LAGES, S. K. e LOMBARDI, A. (orgs.). **La traduzione. Saggi e Documenti.** Ministero per i beni culturali e ambientali. Divisione Editoria. Roma: 1995.

MAILLOT, J. **A Tradução Científica e Técnica.** Tradução de Paulo Rónai. Brasília: McGraw-Hill do Brasil/EdunB, 1975.

MATTOS, D. (ed.). **Estudos de Tradutologia I.** Brasília: Kontakt, 1981.

MILTON, J. **O poder da tradução.** São Paulo: Ars Poética, 1993.

MILTON, J. Translation Theory in Brazil. **Bulletin of Hispanic Studies**, LXXV, 1998.

PORTINHO, W. M. (org.). **A Tradução Técnica e Seus Problemas.** São Paulo, Álamo, 1984.

- PORTINHO, W. M. Sindicato Nacional dos Tradutores – SINTRA: Breve histórico, situação atual e perspectivas. In: **ANAIS do IV encontro nacional de Tradutores: A tradução: alvos e ferramentas**. Universidade de São Paulo, de 1 a 4 de abril de 1990. São Paulo: FFLCH/DLM/CET, 1990, p. 141.
- REISS, K. e VERMEER, H.-J. **Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie**. Berlin: De Gruyter, 1984.
- RÓNAI, P. **Escola de Tradutores**. 4ª. Ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro. Educom, 1976 [1952].
- RÓNAI, P. **A tradução vivida**. 2ª. Ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981 [1976].
- RÓNAI, P. **Homens contra Babel**. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.
- RONAI, P. **Guia Prático da Tradução Francesa**. São Paulo: DIFEL, 1967.
- ROSENTHAL, E. T. **Tradução: ofício e arte**. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1976.
- ROSENTHAL, E. T. A alteridade na tradução literária. In: **ANAIS do IV encontro nacional de Tradutores: A tradução: alvos e ferramentas**. Universidade de São Paulo, de 1 a 4 de abril de 1990. São Paulo: FFLCH/DLM/CET, 1990, p. 174.
- SILVEIRA, B. **A arte de traduzir**. São Paulo: Melhoramentos, Editora da UNESP, 2004 [1954].
- SNELL-HORNBY, M. **The Turns of Translation Studies. New paradigms or shifting viewpoints?** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2006.
- VERMEER, H. **Esboço de uma teoria da tradução**. Lisboa: ASA, 1986.
- VERMEER, H. Aplicação de princípios da teoria da recepção à teoria da tradução. In: **ANAIS do IV encontro nacional de Tradutores: A tradução: alvos e ferramentas**. Universidade de São Paulo, de 1 a 4 de abril de 1990. São Paulo: FFLCH/DLM/CET, 1990, p. 48.
- WOLF, M. (Hrsg.) – **Übersetzungswissenschaft in Brasilien. Beiträge zum Status von „Original“ und Übersetzung**. Mit einem Vorwort von Hans J. Vermeer. Übersetzungen von Helga Ahrens et alii. Tübingen: Stauffenburg, 1997.
- WYLER, L. e BARBOSA, H. G. Brazilian Tradition. In: Baker, Mona. **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. London: Routledge, 2001, 326-332.